

Luísa Ducla Soares

Ilustrações de Teresa Lima



A Cavalo no Tempo



Compre este excelente livro.
Aumente as qualificações literárias dos seus filhos.
Clique na imagem ou na URL.

SEM SAIR DE CASA!

<http://pesquisa.fnac.pt/Luisa-Ducla-Soares/ia333196>

Título: *A Cavalo no Tempo*

Texto de Luísa Ducla Soares
Ilustrações de Teresa Lima

© 2003 Civilização Editora
Todos os direitos reservados

Paginação e revisão efectuadas pelo
Departamento Editorial da Civilização Editora
Impressão e acabamentos efectuados na CEM Artes Gráficas, Barce
para Civilização Editora, em Fevereiro de 2003

3.ª edição em Abril de 2010

Civilização Editora
Rua Alberto Aires de Gouveia, 27
4050-023 Porto
Tel. 226 050 900
geral@civilizacaoeditora.pt
www.civilizacao.pt

ISBN 978-972-26-2065-9
Depósito Legal 168029/01



<http://www.fnac.pt/A-Cavalo-no-Tempo-Luisa-Ducla-Soares/a5412?PID=60774>

Luísa Ducla Soares

Ilustrações de **Teresa Lima**

A Cavalo no Tempo

 **Civilização**
Editores



A Cavalo no Tempo

Ando a cavalo no tempo,
anda o tempo a galopar.
Quando nasci fui bebé,
agora sei bem falar,
hei-de ser gente crescida
com força para trabalhar,
hei-de ter como os avós
muita coisa para lembrar.
Sempre a cavalo no tempo,
com o tempo a galopar.



Antigamente

A nossa Mãe Eva
mais o Pai Adão
nunca se vestiam,
nem com um calção.

Jesus não provou
jamais coca-cola
nem jogou futebol
no pátio da escola.

Não tendo fogão,
a Virgem Maria
comeu muitas vezes
a sopinha fria.

Dom Afonso Henriques
vestia armadura
e não se queixava
de a roupa ser dura,





A Rainha Santa
não tinha sanita.
Onde iria ela
se estava aflita?

O Vasco da Gama
fazia viagens
sem um telemóvel
para mandar mensagens.

Luís de Camões,
repara, que horror,
não escreveu os livros
num computador.

O Marquês de Pombal,
com tanto salão,
não pôde comprar
uma televisão.

Ó jovem que estás
sempre descontente,
não querias viver
como antigamente?



A Pesca

– Não pesques mais nesse rio,
ó meu velho pescador.
Vem pescar na Internet
com o meu computador.

– Já vejo no teu ecrã
uma pescada a nadar.
Vem ajudar-me a pescá-la
para comer ao jantar.



Medidas

Que metro mede
uma grande alegria?

Em que poço cabe
Um profundo desgosto?

Como saber a temperatura
Dum amor ardente?

A que altura
Voa o pensamento?



Na Máquina do Tempo

Ah, se eu pudesse andar na máquina do tempo! Quebrava esse horror que é o despertador. Só saía ao meio-dia para a escola que abria às oito da manhã, sem ralhos da mamã...

Ah, se eu pudesse andar na máquina do tempo! Correndo em marcha atrás caçava lá atrás um dinossauro anão, que seria o meu cão. Pois grande, francamente, metia medo à gente...



Ah, se eu pudesse andar
na máquina do tempo!
Punha-me a acelerar
para só aterrar
em distantes planetas,
brincava com cometas
que estão por descobrir.
Aonde eu havia de ir...

Quando eu puder andar
na máquina do tempo,
hei-de te convidar
para também passear.
E se tiveres coragem,
será longa a viagem...
Aonde queres vir comigo?
Vai já pensando, amigo...



O Computador

A menina Leonor
só quer o computador.
O boneco e a boneca
eram uma grande seca!
Deitou fora a bicicleta,
cansa muito ser atleta.
Não sai para qualquer lado,
Nem para comprar gelado.
Anda da mesa para a cama,
só se veste de pijama.
Vê-se ao espelho de manhã
A olhar para o ecrã.
Já se esqueceu de falar.
Só sabe comunicar
com os dedos no teclado.
Tem agora um namorado
a menina Leonor
chamado computador.
É fiel, inteligente
não refila, nunca mente.
E quando ela se fartar,
pimba, basta desligar.



O Bebê-Proveta

O bebê-proveta
não tem pai nem mãe,
vive num frasquinho,
não é de ninguém.

Foi feito assim
num laboratório
como um comprimido,
um supositório.

De tão pequenino,
parece formiga
perdida à procura
de alguma barriga.

Não lhe deram nome,
chamam-lhe embrião
mas há-de bater
nele um coração.



O Hipermercado

– Queres um gelado?
Não estejas maçado,
que tudo se compra
no hipermercado.

Queres uns sapatos?
Não estejas maçado,
que tudo se compra
no hipermercado.

Queres um brinquedo?
Não estejas maçado,
que tudo se compra
no hipermercado.

– Quero um amigo
para ter ao meu lado.
Onde é que há amigos
no hipermercado?



A Lapiseira

Eu posso viver sem sol,
sem ninguém à minha beira.
Mas só não posso viver
sem a minha lapiseira.

Rodo com ela nos dedos,
é varinha de condão,
breve fósforo que acende
lumes de imaginação.

Pássaro de bico negro,
de negro, negro carvão,
que leva com suas asas
a minha voz e canção.

Chamo o sol e os amigos,
assim, à minha maneira,
viajando no papel
só com uma lapiseira.



Quem És Tu?

– Tenho uma moto vermelha com um leitor de CD, computador, internet e uma nova TV.

Uso só roupa de marca, na melhor loja comprada, tenho cartão multibanco, ando na escola privada.

Tenho piscina aquecida, um cavalo para montar, e como sempre marisco no restaurante, ao jantar.



Quem És Tu?

– Tenho uma moto vermelha com um leitor de CD, computador, internet e uma nova TV.

Uso só roupa de marca, na melhor loja comprada, tenho cartão multibanco, ando na escola privada.

Tenho piscina aquecida, um cavalo para montar, e como sempre marisco no restaurante, ao jantar.



Tenho sete namoradas,
as sete com moradias,
as sete com lindos olhos,
as sete com ricas tias.

Tenho um pai com muitas notas
e mãe cheia de pulseiras,
são de prata os meus talheres,
e de ouro as minhas torneiras.

– Afinal tu não existes,
és só aquilo que tens,
um zero todo coberto
de uma montanha de bens.



Ser Pente ou Serpente

Ser pente
é tão estranho,
disse a serpente.
Para quê tanto dente
Sem veneno para matar?

Serpente
é tão estranha,
disse o pente.
Para que servem os dentes
senão para pentear?



P de Porto

O Porto com suas pontes
o Porto com suas pedras
seus painéis pintados nas paredes
suas praças de paz
seus produtos
seus passeios
seus pardais.
O Porto com seu povo
que plantou a palavra Porto
no princípio de Portugal.




L de Lisboa

Lisboa
da luz,
do líquido azul,
das colinas,
lembança de terramotos,
lágrima de despedida,
levantada e liberta.

Lisboa
das lojas,
dos largos,
do luxo,
do lixo,
do labor,
da luta,
da lata,
dos ladrões,
dos livros,
das leis,
do lume das fogueiras,
dos labirintos do fado.






Negra

Vós chamais-me moreninha
Mas eu morena não sou,
Sou tão negra como a noite
E a estrada por onde vou.

Tenho olhos de azeitona,
Minha pele é de pantera,
Meu corpo tem um traçado
Ágil e negro de fera.

Negra África me corre
Dentro das veias, num rio.
Só o meu sorriso é branco
Como as velas dum navio.

Não me chamem moreninha
Porque eu morena não sou,
Sou negra como o orgulho
De ser aquilo que sou.



A Mina

Nos meus sonhos de menina
havia sempre uma mina.

Uma mina, um tesouro,
com pedrinhas todas de ouro.

Uma mina de brilhantes,
turquesas e diamantes.

Uma mina, uma nascente
de água fresca, transparente.

Hoje ainda sou menina,
mas já pisei uma mina.

Tenho o sonho em estilhaços:
fiquei sem pernas, sem braços.



Heróis

Dizem que é um herói,
matou sete duma vez.
Eu cá criei sete frangos
duma galinha pedrês.

Dizem que é um herói,
arrasou uma cidade.
Eu cá plantei oliveiras
nas terras da minha herdade.

Dizem que é um herói,
dominou o oceano.
Eu cá construí o esgoto
que lá vai ter pelo cano.

Dizem que é um herói,
conquistou trinta países.
Eu cá conquistei a Rosa
e somos muito felizes.



O Testamento do Gato

5

Ai, se eu um dia morrer
não quero ser enterrado,
hei-de ficar ao solinho,
em cima do meu telhado.

Levem-me três carapaus
e um pratito de leite.
Comer sempre bons petiscos
é o meu grande deleite.

Convidem três gatas pretas
com unhas bem afiadas,
Pois mesmo depois de morto
preciso de namoradas.

Ai, se eu um dia morrer
não me façam despedidas,
eu volto sempre de novo
que um gato tem sete vidas.


Diz o Avô

Tens cabelos brancos.
Mas porquê, avô?
Caiu muita neve
Na estrada onde vou.

Tens rugas na face.
Mas porquê, avô?
Bateu muito sol
Na estrada onde vou.

Tens os olhos
baços.
Mas porquê, avô?
Pousou nevoeiro
Na estrada onde vou.



An illustration of an elderly man with glasses and a plaid scarf, holding a large purple umbrella. The man is depicted with a thoughtful expression, looking slightly to the side. The background is a textured, light-colored surface. The text is positioned in the upper right quadrant of the image.

Tens calos nas mãos.
Mas porquê, avô?
Parti muita pedra
Na estrada onde vou.


Tens coração grande.
Mas porquê, avô?
Nele mora a gente
Que por mim passou.




A Velha

A velha de preto
A velha e o xaile
A velha e a renda
A velha e a sopa
A velha e o gato
A velha e o penico
A velha e o silêncio
A velha e o caruncho
A velha e o chá
A velha e os óculos
A velha e o carrapito
A velha e os retratos
A velha e o reumatismo
A velha e o pó
A velha e as rugas
A velha e a velharia.

A velha à janela
Sorrindo, à espera
Que um neto lhe leve
Leve, a Primavera.





Tourada

Amanhã é domingo
Toca o sino
O sino é de ouro
Lida-se o touro
O touro é bravo
Não quer ser escravo
Marra no toureiro
Que ganha dinheiro
Dinheiro para ferir
E para divertir
Um monte de gente
Que não é valente
E paga para ver
O sangue a correr.

Pedido de Casamento

Ó condessa, condessinha,
ó condessa de Aragão,
venho pedir-te uma filha
que tão lindas elas são.

Minhas filhas não te dou
nem por ouro nem por prata.
Uma foi para o Japão,
de viajar não se farta.

Outra foi de submarino
para as profundezas do mar,
tem a paixão dos peixinhos,
a ti não te vai ligar.



Outra foi para enfermeira,
está na sala de operações,
se a quiseres abraçar
levas duas injeções.

Tão contente que eu vinha,
tão triste me vou achar.
Nas raparigas de agora
ninguém consegue mandar.





Os Meninos Educados

Os meninos educados
de manhã dizem bom-dia,
bom-dia, senhor José,
bom-dia, dona Maria.

Os meninos educados
de manhã dizem bom-dia,
bom-dia, sol amarelo,
bom-dia, ribeira fria,
bom-dia, flores do jardim,
bom-dia, cães da cidade,
bom-dia, ó bicicleta,
bom-dia de liberdade.





Os meninos educados
de manhã dizem bom-dia,
bom-dia, lixo da praia
e cascas de melancia,
bom-dia, guerra que matas,
bom-dia, mesa sem pão.
bom-dia, tecto de céu,
bom-dia, voz sem canção.

Os meninos educados
de manhã dizem bom-dia
e partem como andorinhas
em busca de um novo dia.



O Tempo

Pelas areias da praia
o tempo fui procurar.
Mas onde moras, ó tempo,
que não te consigo achar?

Pelos verdes da floresta
o tempo fui procurar.
Mas onde moras, ó tempo,
Que não te consigo achar?

Pelas pedrinhas da rua
o tempo fui procurar.
Mas onde moras, ó tempo,
que não te consigo achar?

Tiquetaque, o coração
é um relógio a bater.
O tempo que não achei
já me fez envelhecer.





Com risos e ritmos,
Luísa Ducla Soares
ensina a pensar nos desacertos
do mundo: o racismo, a guerra,
a solidão, a violência.

O tempo é o fio condutor
dos textos – os tempos de agora,
os tempos antigos,
o tempo do relógio...

E se tiveres coragem,
será longa a viagem...

Aonde queres vir comigo?
Vai já pensando, amigo.



ISBN 978-972-26-2065-9
9 789722 620659
www.civilizacao.pt

Compre este excelente livro. Aumente as qualificações literárias dos seus filhos.
Clique na imagem ou na URL.

SEM SAIR DE CASA!



<http://pesquisa.fnac.pt/Luisa-Ducla-Soares/ia333196>

<http://www.fnac.pt/A-Cavalo-no-Tempo-Luisa-Ducla-Soares/a5412?PID=60774>

Mais leituras em: www.escolovar.org/lp.htm